

# **A BATALHA DOS ELEFANTES EM BET-ZACARIA À LUZ DAS INFORMAÇÕES DOS AUTORES ANTIGOS** - 1 Mac 6,28-47; 2 Mac 13,1-2. 9-17

Pe. J. Balduino Kipper, S.J. \_\_\_\_\_  
São Leopoldo

## **THE BATTLE OF THE ELEPHANTS**

Based on former writers, Latin, Greek and others, the author tries to illustrate the reports of the battle of the elephants in Bet-Zacaria, fitting them into the general situations of the ancient history and of the first half of the second century B.C. The assembled data demonstrate that mainly the first report mirrors real historic situations based on the reality of the events.

Entre as muitas batalhas que Judas Macabeus e seus irmãos travaram pela libertação religiosa e nacional contra os sírios, a de Bet-Zacaria é uma das mais memoráveis. Ela vem descrita com abundância de pormenores em 1 Mac 6,28-47 e mais resumidamente em 2 Mac 13,1-2. 9-17. Não quero neste trabalho fazer uma análise exegética completa destes relatos, mas pretendo reunir um bom número de informações de escritores antigos gregos e latinos, para ilustrar os dois relatos e enquadrá-los na situação geral da história antiga e da primeira metade do séc. 2º a.C. Assim aparecerá que sobretudo o relato mais amplo de 1 Mac 6 reflete situações concretas históricas, baseadas na realidade.

### **Plano do trabalho**

A modo de introdução ao tema vamos falar do emprego de elefantes nas guerras da antiguidade e nas batalhas mencionadas nos livros dos Macabeus. Assim ambientados nestes cenários passaremos a analisar a batalha dos elefantes em Bet-Zacaria, procurando ilustrá-la no seu conjunto e nos pormenores à luz das informações dos autores antigos, sobretudo gregos e latinos.

## O EMPREGO DOS ELEFANTES NAS GUERRAS ANTIGAS (I)

A primeira notícia histórica sobre o uso de elefantes na guerra temo-la na batalha decisiva de Alexandre Magno contra Dario III Codomano (336-331 a.C.), travada a 1º de outubro de 331 a.C., na planície de Gaugamela, junto ao curso superior do rio Tigre; lá as tropas auxiliares da Índia colocaram em campo 15 elefantes contra a falange do rei macedônio (Arriano, *Exped. Alx.* 3,8). Mas os indianos os devem ter domesticado e empregado nas guerras vários séculos antes desta batalha, e os historiadores antigos nos fornecem alguns números impressionantes: o rei dos calingos no Ganges dispunha de 700 elefantes, o rei dos andaras tinha mais de 1000 e o rei dos prásius mais de 9000, se dermos crédito a Plínio o Velho (*Nat. Hist.* VI 66.67.68).

Depois da batalha de Gaugamela-Arbela os elefantes são mencionados muitas vezes como força sempre temível e por vezes determinante nas batalhas do Oriente Próximo até os tempos do imperador Juliano Apóstata (363 d.C.). Eles foram empregados mais intensamente nos últimos decênios do séc. 4º até o séc. 2º a.C., sobretudo nas lutas quase ininterruptas entre os sucessores ("diádocos") de Alexandre Magno e seus epígonos. J. G. Droysen os nomeia mais de sessenta vezes nos três volumes da sua obra clássica, *História do Helenismo* (desde Alexandre Magno até o ano 221 a.C.).

Quando Alexandre voltou da Índia, no ano 326, trazia consigo uns 200 elefantes que ele tinha capturado nas batalhas, a começar com a de Gaugamela, ou recebido de presente; mas ele

- 1) **Bibliografia geral:** P. Armandi, *Histoire militaire des éléphants depuis le temps le plus reculé jusqu'à l'introduction des armes à feu*, Paris 1843.

M. S. Reinach, em *Daremberg-Saglio, Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines* II 536ss.  
S. Bochart, *Hierozoicon sive de animalibus Sanctae Scripturae* I, 1º II, c.27 (Londres 1663; Frankfurt 1875; reeditado por Rosenmüller, Leipzig 1793-96). Não tive acesso a estas obras clássicas e de citação obrigatória. O mesmo vale de não poucas obras gregas e latinas antigas que pude controlar apenas pelas traduções da biblioteca Langenscheidt ou pelas referências dadas pelos grandes dicionários gregos e latinos ou pelos autores que serão alegados no decurso deste trabalho.

J. G. Droysen, *Geschichte des Hellenismus*. I. Teil: *Geschichte Alexanders des Grossen*, Basel 1952; 2. Teil: *Geschichte der Diadochen*, Basel 1952; 3. Teil: *Geschichte der Epigonen*, Basel 1953. É a reimpressão da 2ª edição de 1877/78; dá o texto integral desta edição, mas só reproduz notas seletas, de modo que muitas vezes não ficamos conhecendo as fontes antigas.

M. Wellmann, *verbete Elefant*, *Pauly-Wissowa, Realencyclopädie der klassischen Altertumswissenschaft* 5, 1905, 2248-57 Nb. Esta enciclopédia será citada pela sigla P-W.

I. Opelt, *verbete Elefant*, *Reallexikon für Antike und Christentum* 4, 1959, 1001-1026. 1008-11 (sigla RAC).

H. Gaidoz, *Les éléphants à la guerre*, *Revue des Deux Mondes* 4, 1874, 481-513.

mesmo nunca os empregou nas batalhas (2). Tanto mais os empregaram os seus generais depois da morte prematura do rei. Perdicas e Antípatro tinham 140 elefantes; Éumenes, em 317, chegou a dar a soma considerável de 200 talentos a Eudamo (ou Eudemo), para que este sátrapa ficasse do lado dele com os seus 120 ou 125 elefantes na batalha importante de Paretacena (3). Na Capadócia Seleuco I Nicator (312-280), fundador de Antioquia no Orontes, podia opor a Antígono, pelo fim do ano 302, o elevado número de 480 elefantes aos 75 do seu adversário, e este número muito superior de elefantes parece ter dado a vitória a Seleuco na batalha decisiva de Ipsos pelo verão de 301 (4).

Ptolemeu II Filadelfo (285-247) tinha 300 elefantes (5). Mas os 500 elefantes que 3 Mac 5,2 atribui a Ptolemeu IV Filopator (221-205) e com os quais ele quer fazer pisotear os judeus reunidos no hipódromo de Alexandria, parecem ser um exagero deste relato legendário.

Na assim chamada “**Batalha dos Elefantes**” o rei Antíoco I Soter (280-261) com 16 destes animais adestrados para a guerra espantou de tal modo os cavalos dos gálatas que resultou uma confusão indescritível, saindo os gálatas completamente derrotados. Isto foi pelo ano 275. Antíoco mandou representar a imagem dum elefante no monumento de vitória e em moedas que fez cunhar (6).

Na **batalha de Rafia**, ao Sul de Gaza, travada a 22 de junho de 217 a.C., Ptolemeu IV tinha apenas 73 elefantes líbios, ao passo que seu adversário Antíoco III punha em campo 102 da Índia; não obstante este número e qualidades superiores, o rei sírio sofreu uma derrota fragorosa, e isto apesar de os elefantes líbios de Ptolemeu se terem espantado diante dos indianos de Antíoco e dos 73 deles 16 terem sido mortos e a maior parte dos outros terem sido capturados (7). Dan 11,11-12 alude a esta batalha e derrota do rei sírio.

2) Arriano, *Anab Alex* 6,2,2; J. G. Droysen, *Geschichte des Hellenismus*. 1. Teil, Basel 1952, 361; Opelt, *RAC* 4,1959,1008/09, e P-W 5,2248-57.

3) Opelt, *RAC* 4,1009; Droysen, op. cit. 2. Teil; *Geschichte der Diadochen*, Basel 1952, 165 e 166 (cf. *Diod.* 19,14,24,27).

4) Droysen, op. cit. 2. Teil. *Diadochen*, 350-354;

5) Droysen, op. cit. 3. Teil: *Epigonen*, Basel 1953,35; Opelt, *RAC* 4,1009.

6) Droysen, op. cit. 3. Teil: *Epigonen*, 166-167, citando literalmente Luciano, *Xêuxis* ou Antíoco. Os selêucidas desde Seleuco I até Alexandre Zabina representaram o elefante nas suas moedas. A representação dum elefante numa moeda de Antíoco III se pode ver em *Dictionnaire de la Bible* (sigla: DB) 1,689, e Baldi-Lemaire, *Atlante Storico della Bibbia*, Marietti 1955,180.

7) F.-M. Abel, *Histoire de la Palestine*. Tome I (Études Bibliques), Paris 1952, 79-81, citando como fonte antiga ampla Políbio V, 79-86, e uma estela trilingue de Pitom, encontrada em 1923. Um elefante que tritura um gálata, pode-se ver em DB 1 999 (provém da necrópole de Myrina, Ásia Menor). Opelt, *RAC* 4,1009 cita para Pirro e batalha contra os romanos: T. Lívio 13,7; *Oros. hist.* 4,1,6; Plínio, *Nat Hist* 8,15; Pausânias 1,12,3; *Veget. Epit. mil.* 3,24; *Solin.* 25,15.

Poucos anos antes dos gálatas os romanos tinham enfrentado os elefantes a primeira vez e com espanto quase igual na guerra do rei Pirro, em Heracléia, na Lucânia; isto foi em 280 a.C. Por isso os romanos chamaram estes animais "boves Lucas" ou "bos Luca". O fator surpresa e espanto também aqui decidiu a batalha a favor do rei (8).

As legiões romanas ainda se defrontaram com 80 ou mais elefantes na batalha e vitória decisivas de Zama contra Aníbal (202 a.C.) e na de Magnésia, Ásia Menor, contra Antíoco III da Síria (190 a.C.), o mesmo que tinha sido vencido em Rafia 27 anos antes; nesta batalha os romanos tinham apenas 16 elefantes contra os 54 do rei sírio (T. Lívio 37,39,12-13). Destes os romanos capturaram 15 junto com os cornacas (T. Lívio 37,44,1: quindecim cum rectoribus elephantum) e os entregaram ao seu aliado o rei Êumenes junto com os outros recebidos depois da conclusão da paz (38,39,5); cf. Dan 11,18-19 e 1 Mac 1,11.

E que os próprios romanos considerassem estes animais adestrados para a guerra como força temível segue-se do fato de eles, nos tratados de paz de Zama e Magnésia (ou melhor Apaméia, 188 a.C.), estipularem, entre outras condições, p. ex. o pagamento de elevada soma de talentos, também a entrega destes animais e a proibição de adestrarem outros (9).

Ainda em abril de 46 a.C. Júlio César capturou em Tapso, no Norte da África, 64 elefantes (10) aos republicanos/pompeanos vencidos. Estes elefantes tinham sido fornecidos pelo rei Juba I da Númia, aliado dos pompeanos. A partir de então os romanos já não empregaram elefantes nas guerras, pela razão óbvia que estes animais, quando espantados ou feridos, como tinha sido o caso justamente em Tapso e já antes em Benevento (275 a.C.), Palermo (250), Zama e Magnésia (T. Lívio 37,43,9), eram capazes de causar a maior confusão nas próprias fileiras.

Também os cartagineses empregaram estes animais nas guerras. Nas casamatas de Cartago havia estrebarias para 300 elefantes. Asdrúbal em 250 a.C. pôs em campo 130 em Panormus (Palermo), de modo que no triunfo Cecílio Metelo podia apresentar

8) Plutarco, Pirro 16,17; Justino 18,1; Plínio, Nat. Hist. 8,16 ou 8,15; Droysen, op. cit. 3. Teil; Epigonen, 93.

9) Zama: Políbio 15,9,11,16,18 (paz); T. Lívio 30,33,4 30,35,6 30,37,3 (paz). Magnésia: T. Lívio 37,37-45 38,38,8 38,39,8; Políbio 22,26 (paz cf. 31,12,11); Apiano, Syriaca 31ss.

10) 64 elefantes capturados é o número dado segundo Bell. Afr. 86 por Opelt, RAC 4,1959,1010; Wellmann no verbete Elefant, P-W 5,1905, 2255, dá 86; Orósio diz que foram 60 (Historiarum Libri: 6,16 = PL 31, 1038 e CSEL 5,1882, p. 403); o mesmo número é dado pelos PP. Catrou e Rouillé, Histoire Romaine. Tome 17e, Paris 1732,170 (cf. p. 162: na linha de batalha há 30 + 30 elefantes em uma e outra ala).

120 deles, e Aníbal partiu de Cartagena, na primavera de 218, com 37 elefantes para a sua famosa marcha pelos Alpes, sem falar dos 80 de Zama, já mencionados.

Pelo exposto bem se vê que naqueles séculos estes animais equivaleriam aos nossos tanques de guerra.

Por isso também não é de admirar que com tanto apreço por estes animais eles entrassem nas lendas. Diodoro Siculo conta que a famosa e bastante legendária rainha Semíramis da Assíria, para enfrentar os inúmeros elefantes muito bem aparelhados do rei Estabrôbates da Índia, mandou costurar os couros de 300.000 bois pretos e enchê-los de palha, de modo que parecessem elefantes: dentro havia um homem que os fazia andar... De fato a princípio estes simulacros espantaram os cavalos do rei, devido ao cheiro diferente destes elefantes, e causaram uma confusão indescritível. Mas é claro que os numerosos elefantes de verdade do rei acabaram derrotando completamente a rainha... (Diod. Sic. 2,16-19). O mesmo autor conta que muito mais tarde o rei Perseu usou – COM IGUAL ÊXITO! – do mesmo estratagema na batalha decisiva contra os romanos que tinham elefantes da Líbia (op. cit. 2,17).

## OS ELEFANTES DE GUERRA NOS LIVROS DOS MACABEUS

É bastante significativo que os elefantes são nomeados apenas nos livros dos Macabeus (1º séc. a.C.), conservados respectivamente escritos em grego, de modo que, a bem dizer, nem conhecemos o termo hebraico deste animal (mas cf. 1 Rs 10,22 2 Crôn 9,21). Isto apesar de se falar com relativa frequência do marfim, p.ex. 1 Rs 10,18 22, 39 Am 3,15 6,4 Sl 45(44),9. Portanto parece que este animal não era conhecido na Palestina israelita e judaica. Digo parece, pois o rei Senaqueribe da Assíria conta nos seus anais, a propósito do assédio de Jerusalém no ano 701 a.C., que, além de outros tributos anuais, impôs ao rei Ezequias também **peles de elefantes** (ANET 286b AOT 354). Logo deveria haver estes animais na Palestina. Estas peles – importadas? – talvez servissem para fabricar escudos, como mais tarde referiria Plínio o Velho (Nat Hist 11,227), Estrabão (17,828) e Apiano (Punica 46: escudo de Masinissa).

As passagens que mencionam os elefantes, são as seguintes:

**1 Mac 1,17:** Antíoco (Epífanos IV) invade o Egito com um exército poderoso, com carros de guerra, **elefantes** e grande frota; isto foi no ano 170 a.C.

**1 Mac 3,34:** O mesmo rei Antíoco da Síria entrega a Lísias também a metade das tropas e os elefantes (em 165 a.C.). Mas na expedição para a Judéia que logo a seguir se conta (3,38-59), e na batalha de Emaús (4,1-25) nada se diz dos elefantes, e tampouco se fala deles na expedição seguinte, comandada desta vez pelo próprio Lísias (4,26-35): é a primeira expedição de Lísias. Mas eles são nomeados no relato paralelo de 2 Mac 11,1-12.4.

**1 Mac 6,28-47** A batalha dos elefantes em Bet-Zacaria na segunda expedição de Lísias, na qual os 32 elefantes estão no centro da atenção; era pelo ano 163 ou 162 a.C. É este relato que iremos analisar mais detidamente.

**1 Mac 8,6:** Antíoco III Magno enfrenta os romanos com um grande exército e **120 elefantes**, mas saiu derrotado; isto se deu em Magnésia no Sílipo, na Ásia Menor, em 190 a.C., como já foi dito atrás. O número de 120 elefantes, como também já vimos, não é inverossímil para aqueles tempos; mas os historiadores profanos só dão 54 elefantes a Antíoco; Zöckler pensa que o rei poderia ter partido com um número bem maior, mas poderia ter perdido muitos deles antes da batalha (11).

**1 Mac 11,56:** Trifão se apodera dos elefantes e conquista Antioquia. Isto se deu durante o reinado de Antíoco VI Dionísio (145-142). Aqui os elefantes são chamados *theria*, animais, uso que se encontra também em 1 Mac 6,35.36.37.43 2 Mac 15,20.21 3 Mac 5,23.29.42.47 6,16.21 e nos autores profanos, p. ex. Políbio 11,1,12, Josefo Flávio, Bell 1,43 (a propósito da batalha de Bet-Zacaria). O dicionário grego-inglês de Liddell-Scott-Jones, Oxford 1953, p. 800, diz que o termo *theria* se usa muitas vezes falando dos elefantes.

**2 Mac 11,4:** Lísias, tutor e parente do rei (Antíoco IV e V), na sua primeira expedição contra os judeus, confia nos seus milhares de soldados e cavaleiros e nos **80 elefantes**. Isto foi no ano 164 a.C. É a primeira vez na história de Israel que um contingente de elefantes forma parte integrante dum exército. Mas de fato nada se comunica sobre o seu desempenho nas lutas, e no texto paralelo de 1 Mac 4,26-35 eles não são mencionados. A cifra 80 é muito alta e é a mesma que Josefo Flávio dá em Bell 1,1,5 para a segunda expedição de Lísias: haveria uma troca ou confusão de cifras?

**2 Mac 13,2:** Antíoco V Eupator e seu tutor Lísias comandam um poderoso exército de 110.000 homens a pé e 5.300 a cavalo, **22 elefantes** e 300 carros falcatos. Esta é a segunda expedição de Lísias

---

11) T. Lívio 37,39,13 37,40,2-4.6.14 (2 x 11 = 22, + 16 + 16 = ao todo 54 elefantes) (38,38,8 paz); Apiano, Syriaca 31ss; O. Zöckler, Das erste Buch der Makkabäer, em Die Apokryphen des A. T. 1891, p. 59/60.

contra os judeus, contada também em 1 Mac 6,28-53 e analisada mais adiante, mas com números diferentes para os diversos continentes, p. ex. dando 32 elefantes e não 22.

Será interessante notar que 2 Mac 13,2 é a única passagem da Bíblia que fala dos **carros falcatos**, isto é carros que segundo as descrições de Xenofonte, Cúrcio Rufo, Políbio, T. Lívio, Diodoro Sículo (12) e outros estavam guarnecidos de lanças ou foices no timão, nos eixos e nos raios e pinas das rodas, para com eles dispersar e derrubar os soldados inimigos. Eram uma especialidade dos exércitos persas. Antíoco III os tinha usado sem resultado apreciável na batalha de Magnésia contra os romanos (T. Lívio 37,41,5; 37,42,1: *vana res* = ostentação inútil eram estes carros).

É verdade que a Vulgata latina ainda menciona "falcatos currus" em Jz 1,19 4,3.13, mas nestas passagens se trata de simples carros de combate sem foices.

**2 Mac 13,15:** Judas Macabeu ataca, de noite, em Modin a tenda do rei Antíoco V e, além de matar 2.000 homens no acampamento, abate o maior ou o mais possante (protéuonta) dos elefantes com seu cornaca. Este episódio lembra a façanha de Eleazar, irmão de Judas, na batalha de Bet-Zacaria (1 Mac 6,43-46).

**2 Mac 14,12:** o rei Demétrio da Síria (162-150) nomeia governador da Judéia a Nicanor, **antigo comandante dos elefantes**, para eliminar a Judas e dispersar os seus sequazes. A mesma expedição se conta em 1 Mac 7,26-50. O título de Nicanor em grego é **elephantárches**; ele ocorre também em 3 Mac 5,4.45 e em outros autores profanos, p. ex. Plutarco, Demetr. 25. Voltaremos a falar deste comandante no fim do trabalho.

**2 Mac 15,20-21:** Enquanto todos esperavam o desfecho da luta/batalha decisiva, e os inimigos já se dispunham em ordem de batalha, com os **elefantes** colocados numa posição favorável, o Macabeu observava estas massas imponentes e o **aspecto feroz dos elefantes**; então levantou as mãos para o céu para invocar o Senhor. Isto se deu na batalha de Adasa (1 Mac 7,40.45), a 8 km ao Norte de Jerusalém, na qual Nicanor foi vencido e morto (2 Mac 15,17-34 / 1 Mac 7,25-38.39-50). Foi no ano 160 a.C.

Eis em traços rápidos o emprego de elefantes nas guerras antigas e nos livros dos Macabeus; venhamos agora ao tema propriamente dito da nossa pesquisa, a batalha dos elefantes em Bet-Zacaria.

---

12) Xenofonte, Anab 1.7.10 **1,8,10**; Cúrcio Rufo 4,25,1; Políbio 5,53,10; T. Lívio 37,40,12 37,41,5-8.

## A BATALHA DOS ELEFANTES EM BET-ZACARIA 1 Mac 6,28-47

Trataremos primeiro da situação histórica concreta e do lugar e tempo da batalha. Em seguida procuraremos ilustrar os diversos elementos que a descrição desta batalha nos oferece, com os dados dos autores antigos profanos.

### I. A situação histórica

Esta célebre batalha foi travada no tempo do jovem rei Antíoco, quinto do seu nome e cognominado Eupator, o qual reinou de 164/63 a 162 a.C., sendo filho de Antíoco IV Epífanes (175-164/63); este tinha querido impor à força a helenização aos judeus, provocando a oposição e revolta dos macabeus e seus aderentes; tinha morrido pouco antes, em Taba, perto de Ispahan, na Pérsia, numa expedição inglória de rapinagem contra os partas (1 Mac 6,1-13 2 Mac 9,1-29 1,11-17). Antes da sua morte Antíoco IV tinha confiado a administração do reino e a tutela do seu filho ainda menor ao seu amigo Filipe; a seu tempo este o deveria empossar como rei, entregando-lhe as insígnias correspondentes, isto é a fita branca para lhe cingir a frente e os cabelos, o manto de púrpura e o anel-sinete (1 Mac 6,14-15.55 2 Mac 9,29). Mas Filipe se encontrava no Oriente, nas satrapias da Média e Pérsia, ao passo que o menino Antíoco estava em Antioquia. Então Lísias, parente do rei, nomeado administrador do reino e tutor do príncipe-sucessor por Antíoco IV antes de partir para a expedição do Oriente, à notícia da morte do rei, empossou logo o jovem Antíoco V como rei, continuando ele mesmo como tutor do menino e administrador do reino (1 Mac 6,17 2 Mac 9,9-11): não saberia ele da última vontade do rei Antíoco IV?

Vamos agora para a Judéia. Judas Macabeu tinha purificado e dedicado de novo o templo em dezembro de 164 a.C. (1 Mac 4,36-59 2 Mac 10, 1-8); também tinha fortificado e defendido com muros e torres o Monte Sião ou o templo (1 Mac 4, 60-61a).

Quando soube da situação bastante confusa e precária, criada pela sucessão ao trono, na Síria, pôs cerco à Acra ou cidadela real dos sírios (cf. 1 Mac 1,33-36 6,18), situada nas proximidades do templo; deu-se isto no ano 150 da era selêucida ou 162 a.C. (1 Mac 6,18-20.26). Este cerco equivalia a uma rebelião aberta contra o governo central de Antioquia, exigindo medidas repressivas imediatas (13).

Por isso o regente Lísias e o jovem rei Antíoco V, que acabava de fazer 12 anos, se puseram em marcha com um poderoso exército de soldados a pé e a cavalo e 32 elefantes. Eles marcharam

13) Abel, Histoire de la Palestine T. I, Paris 1952, 150-152.

através da Iduméia e puseram cerco a Bet-Sur (1 Mac 6,28-31 2 Mac 13,1-2). Neste lugar, hoje chamado **Khirbet-et-Tabeïqa**, dois anos atrás, Lísias tinha sofrido uma derrota dos judeus, comandados por Judas Macabeu (1 Mac 4,26-35 2 Mac 11,1-12). Como Bet-Sur estivesse situada na fronteira da Judéia com a Iduméia, a 28 km ao Sul de Jerusalém (cf. 2 Mac 11,5 cod. A) e 8 ao Norte de Hebron, o macabeu tinha fortificado este lugar (1 Mac 4,61b), e as escavações americanas em 1931 trouxeram à luz estas fortificações e especialmente o grande reservatório de água (14). Portanto com a presente campanha Lísias também se queria desferrar do revés anterior.

À notícia do ataque sírio a Bet-Sur Judas Macabeu levantou o cerco da cidadela de Jerusalém e marchou em socorro da fortaleza judaica sitiada (1 Mac 6,32).

## 2. O local e o tempo da batalha

Para chegar a Bet-Sur, o exército sírio tinha de passar pela planície marítima da Palestina e subir pela Chefela ou Baixada, seguindo depois o caminho normal que por Odolam e Carás (Kharás) ganhava a estrada de Jerusalém a Hebron em direção a Ain ed-Diruê (ou Dirweh), nas proximidades da dita cidadela dos judeus. Quando os sírios souberam da chegada das forças de Judas Macabeu a Bet-Zacaria, interromperam por sua vez o bloqueio de Bet-Sur e foram ao encontro do macabeu.

**Bet-Zacaria** (Beit Iskariya ou Skâria ou Zetshâria) era situada 18 km ao Sul de Jerusalém, a uns 10 ao Norte de Bet-Sur e outros tantos de Belém, a uma hora de caminho desta vila, e portanto na serra da Judéia. A batalha parece ter sido travada mais exatamente a um km ao Sul de Bet-Zacaria, no terreno desigual entre as ruínas de Beit Shaar e um velho carvalho, único sobrevivente de quatro, na década dos vinte, e chamado Ballutat Yerza. Este lugar fica a 965 metros de altitude. Embora alto e um tanto acidentado, o terreno se prestava para uma batalha campal (15).

14) Abel, Livres des Maccab. p. 116/17; RB 43, 1934, 315-317, a propósito do opúsculo de O.R. Sellers. The Citadel of Beth-Zur. A preliminary report. Philad. 1933. 92 pgs., tratando das escavações em Khirbet et-Tabeïqa = Bet-Sur.

15) F.-M. Abel, Topographie des campagnes machabéennes, RB 33, 1924, 201-217. **208-216**, com um desenho topográfico à p. 213; id. Histoire de la Palestine T. I, Paris 1952, 150-153; Baldi-Lemaire. Atlante Storico della Bibbia, Marietti 1955, 180. Algumas informações topográficas também se encontram no verbete Bethzachara, DB I, 1763s. Os verbetes em Bibl. Historisches Handwörterbuch I, 228, Enciclopedia de la Biblia I 1963 1969<sup>2</sup>, 1183 e P-W 3,367 são muito sumários. Nos mapas da Palestina 1:100,000 Kh. Beit Sakariya se encontra na folha 12 (Hebron) entre o quadrado 160-165 e 120-115 (é o quadrado bem à direita no alto).

A respeito da **data exata** desta batalha os livros dos Macabeus dão anos diferentes: 1 Mac 6,20 dá o ano 150 da era selêucida, mas 2 Mac 13,1 dá o ano 149. Mais exatamente 1 Mac apresenta esta data para o cerco da cidadela síria de Jerusalém por Judas, ao passo que 2 Mac fala do ano 149 como momento em que Judas ouviu dos preparativos de guerra dos sírios. Em consequência os autores divergem quanto à data exata desta batalha e também do reinado de Antioco V, oscilando entre 163 e 162 a.C. Não me sinto aparelhado para tomar uma posição definitiva e por isso o leitor não estranhe, se nem todas as datas se ajustam perfeitamente.

### 3. Os dados concretos da batalha dos elefantes em Bet-Zacaria ilustrados pela literatura extra-bíblica

Chegados a esta altura da nossa pesquisa, já informados sobre o emprego dos elefantes nas guerras antigas e sua menção, em diversos contextos, nos livros dos Macabeus, podemos agora passar a ilustrar os diversos pormenores que o relato desta batalha memorável nos fornece.

Lendo-se o relato de 1 Mac 6,28-47, percebe-se que o interesse principal se concentra nos elefantes e no que se relaciona com eles na batalha. Desde logo fica claro que ele remonta, de uma ou outra forma, a uma testemunha ocular presente à refrega. Pelo que podemos ver, é a primeira vez que na Judéia uma força de elefantes atua realmente numa batalha, pois na primeira expedição de Lísias, dois anos atrás, apenas foram mencionados 80 elefantes, sem que se refira qualquer atuação concreta (1 Mac 8,6 e ver acima).

#### 3.1 Os 32 elefantes 1 Mac 6,30

Este texto no informa que além de grande número de soldados a pé e a cavalo havia **32 elefantes**. Esta cifra provavelmente não aparece por mero acaso: é que, de acordo com as informações dos autores antigos, 32 elefantes formam dois esquadrões ou contingentes de 16 animais cada um, sendo cada esquadrão comandado por um **elephantárches** ou "elefantarca", título dado a Nacanor em 2 Mac 14,12. O comandante de dois esquadrões ou 32 elefantes era chamado **kerárches** ou **keratárches**, conseqüentemente o esquadrão de 32 elefantes era chamado **kerarchía**. Se o termo **elephantárches** ocorre em 2 Mac 14,12 (e 3 Mac 5,4.45), os outros termos não ocorrem na Versão dos Setenta e tampouco em Josefo Flávio; eles ocorrem nos autores militares ou táticos Asclepiódoto e Eliano (16) e também em T. Lívio (37,41,2: *Philippo, magistro elephantorum*).

---

16) **Kerárches** ocorre em Asclep. Tact. 9,1; **keratárches** e **keratarchía** em Eliano, *Tactica* 22 ou 23.

As informações destes autores antigos também explicam alguns dos números de elefantes que vimos acima: Antíoco I desbaratou os gálatas com 16 elefantes, logo com um esquadrão; os 480 elefantes de Seleuco formavam 30 esquadrões; na batalha de Zama os cartagineses tinham 80 (se o número é exato) ou 5 esquadrões; em Magnésia Antíoco III colocou 16 elefantes ou um esquadrão nas alas direita e esquerda da sua linha de batalha (Tito Lívio 37,40,6.14); os romanos tinham apenas 16 elefantes africanos, isto é um esquadrão (T. Lívio 37,39,13: XVI elephantos post triarios in subsidio locaverunt). Os 80 elefantes da primeira expedição de Lísias (2 Mac 11,4) perfazem 5 esquadrões.

Em vista de tudo isto os 32 elefantes de 1 Mac 6,30 representam uma cifra mais atendível que os 22 que dá o texto paralelo de 2 Mac 13,2. Josefo Flávio, na Guerra Jud 1,41, dá 80 elefantes para a nossa batalha; talvez os trocasse com os 80 que 2 Mac 11,4 dá para a primeira expedição de Lísias. O certo é que em Ant 12,366 = 12,9,3 dá os mesmos 32 que 1 Mac 6,30.

### 3.2 O sangue de uvas e amoras 1 Mac 6,34

O texto diz: "Mostravam aos elefantes sangue de uvas e de amoras, para os excitar para a guerra (ou a luta)". Os comentaristas perguntam o que precisamente excitaria os animais, se a cor vermelha desta bebida ou o seu cheiro, o seu teor alcoólico ou ainda a manobra de apenas lhes mostrar a bebida sem dá-la efectivamente, para assim os frustrar e pô-los excitados e assanhados. A propósito se pode consultar a breve nota de P. G. Maxwell-Stuart, 1 Maccabees 6,34 Again (17). Seja lá o que for, encontramos menção do mesmo expediente em textos extra-bíblicos. O livro apócrifo e legendário 3 Mac 5,2.10. 45 conta que o elefantarca Hermon, por ordem do rei Ptolemeu IV Filopator (221-205), teria dado aos 500 elefantes do rei uma mistura forte de incenso e vinho puro, para os fazer bêbados e furiosos e largá-los assim em cima dos judeus, encerrados no hipódromo de Alexandria.

Segundo Eliano se davam bebidas alcoólicas aos elefantes para os excitar (De Anim. ou Natura animalium 13,8): vinho não feito de uvas, mas de arroz ou cana. Maxwell-Stuart também cita duas estrofes do poeta tardio bizantino Manuel Philes de Éfeso a propósito das reacções dos elefantes a bebidas fermentadas (18).

---

17) VT 25, 1975, 230-235. Quanto à cor, não seria o vermelho que os excitaria, e sim o branco, segundo os testemunhos recolhidos pelo velho Bochart. Hierozoicon I, I. II, c. 27. Maxwell-Stuart menciona a favor da cor branca como excitante a Plutarco. *Moralia* (De fortuna Alexandri 8) 330b; *Ibid.* (Coniugalia praecepta 45) 144d (VT loc. cit. 231 e nota 4).

18) VT 25, 1975, 231/32.

Talvez entre aqui também o que Estrabão e Arriano referem a respeito das doenças dos elefantes: para os curar da maior parte delas, os indianos lhes dão a beber vinho bem tinto (19).

### 3.3 A colocação dos elefantes na linha de batalha 1 Mac 6,35-36.38

No relato se evidencia a enorme importância que Lísias atribuía aos elefantes: em torno deles se concentra toda a tática. Eles foram distribuídos por toda a linha de batalha, de modo que cada elefante tivesse a seu lado mil homens e 500 cavaleiros escolhidos. De acordo com as cifras dadas em 6,30, dos 100.000 soldados a pé 32.000 ou a terça parte estavam com os elefantes, e dos 20.000 cavaleiros mesmo 16.000 ou 80% ou 4/5 partes deles escoltavam os elefantes. Quem resistiria a uma força tão poderosa apoiada por estes animais possantes, carregando no dorso as torres altaneiras com homens armados?

O v. 36 diz que estes cavaleiros acompanhavam as evoluções dos elefantes, não se apartando deles; eles ou melhor os cavalos deviam estar acostumados a eles há tempo, especialmente ao cheiro e aos bramidos deles, de modo que não se assustassem com eles, como tinha acontecido com os cavalos dos gálatas.

Pela descrição acima os elefantes formavam uma linha ampla de vanguarda uns ao lado dos outros, mas mantendo certa distância por causa dos soldados a pé e a cavalo que os acompanhavam. Ora conta Josefo Flávio que por causa dos *stená* ou *stenochorían*, passagens estreitas ou desfiladeiros, os sírios tiveram de colocar os elefantes uns atrás dos outros, em vez de os pôr numa só linha (Ant 12,371 = 12,9,4). Na verdade teria sido uma manobra bem estranha! Mas Abel, citando a Grimm, diz que esta manobra foi inventada completamente (de toutes pièces) por Josefo, uma vez que as ondulações do terreno não impediam o desdobramento da linha de batalha. Josefo foi induzido a esta solução por uma variante antiga no texto do 1º livro dos Macabeus: é que no v. 35 em vez de *phálangas* = falanges, filas, o códice Alexandrino e 11 minúsculos lêem *phárangas* = precipícios, peraus.

Nas batalhas de elefantes, mencionadas acima, estes animais, devido à sua importância estratégica, costumam ocupar uma posição de destaque. Eles são mencionados pela primeira vez na história na batalha de Alexandre Magno contra Dario III em Gaugamela (1º de outubro de 331 a.C.); como força de choque os 15 elefantes ocupam o centro da extensíssima linha de batalha dos persas, pois Dario parece ter contado com que o ataque principal

---

19) Estrabão 15, 705(43); Arriano. Indica 14.

viria para este centro. Em todo o caso, devido talvez à multidão incontável de combatentes, os elefantes não chegam a atuar seriamente e no fim caem nas mãos de Alexandre vencedor junto com os camelos (20).

Na batalha importante, mas indecisa de **Paretacena**, a uns 90 kms ao Sul do Mar Cáspio, entre Êumenes e Antígono no outono de 317 a.C., este general tinha 65 elefantes, ao passo que o seu adversário punha em campo quase o dobro, isto é 125. Quais baterias pesadas Êumenes colocou 40 deles diante da sua ala direita, onde estava a sua cavalaria; outros 40 colocou diante da infantaria no centro e os restantes 45 a modo de gancho diante da ala esquerda; ao lado de cada animal havia pelotões de 144 (ou 100) soldados armados à ligeira. Contra esta muralha impressionante Antígono só dispunha de 65 elefantes: colocou 30 em gancho diante da sua ala direita, onde se achava a cavalaria, sua força principal; alguns poucos fez tomar posição diante da ala esquerda e os restantes diante da infantaria no centro, ajuntando-lhes os pelotões de armados à ligeira em número suficiente (21).

Cem anos depois (217 a.C.), na **batalha de Rafia**, dos 73 elefantes de Ptolemeu IV 40 estavam na ala esquerda, onde o próprio rei tinha sua posição, ao passo que os outros 33 estavam colocados na ala direita, bem junto à cavalaria mercenária. Antioco colocou 60 dos seus 102 elefantes na ala direita onde ele mesmo queria combater com Ptolemeu; os restantes os colocou na ala esquerda. Vê-se que em um e outro exército estes animais representavam uma força de elite e de choque (22).

Na batalha decisiva de **Zama** em 202 a.C. Aníbal, como que colocando toda a jogada numa só carta, dispôs os seus 80 (ou mais) elefantes na frente de toda a linha de batalha e com eles deu início à luta (Políbio 15,11.12; T. Tívio 30,33,4) (23).

Na batalha igualmente decisiva de **Magnésia** no Sílipo, Ásia Menor, travada 12 anos depois pelo mesmo general Cipião Africano, desta vez contra Antioco III (já vencido na batalha de Rafia), os 54 elefantes do rei representavam uma das suas forças principais. T. Lívio, no livro 37,cc.40,1-41,1, descreve com visível complacência e orgulho patriótico a esplêndida linha de batalha do rei sírio com seus

20) Droysen, *Geschichte des Hellenismus*. I. Teil. Alexander p. 213-219; Arriano, *Exp. Alex.* 3.8 pelo fim: "e não muitos elefantes": é a primeira menção deles; 3,11 pelo meio: colocação; 3,15 depois do meio: capturados com os camelos.

21) Droysen, *op. cit.* 2. Teil: *Diadochen*, Basel 1952, 176-181.

22) Abel, *Histoire de la Palestine*. T. I, Paris 1952,80; Políbio 5,82.

23) Pode-se ver uma gravura desta batalha em Catrou et Rouillé, *Histoire Romaine*. Tome 10<sup>e</sup>. Paris 1727. ao lado da p. 27.

60.000 soldados a pé e mais de 12.000 a cavalo (37,37,9), enumerando as numerosas tropas auxiliares de múltiplas proveniências e armas; o historiador romano sabe que apesar de tanto esplendor este exército foi vencido... Os 54 elefantes da Índia Antíoco III os distribuiu da seguinte maneira: no **centro da linha de batalha**, que contava 16.000 falangistas, divididos na vanguarda em dez batalhões, colocou dois elefantes entre cada um destes batalhões (37,40,1-2); neste centro se encontrava o elefatarca (magister elephantorum) Filipe (37,41,1).

Na **ala direita**, comandada pelo próprio rei (37,41,1) e composta sobretudo de cavaleiros, havia na retaguarda 16 elefantes (37,40,5-6).

Na **ala esquerda**, comandada por seu filho Seleuco e sobrinho Antípatro (37,41,1), estavam os restantes 16 elefantes junto com a maior parte das tropas auxiliares (37,40,10.14); nesta mesma ala havia também dromedários montados por frecheiros árabes, armados de espadas delgadas e compridas de quase dois metros (37,40,12).

Os romanos tinham apenas 16 elefantes africanos, por sinal mais fracos, não podendo pois competir com os 54 elefantes indianos do rei; por isso eles acharam a sua colocação na retaguarda atrás dos triários ou terceira linha (37,39,13: *post triarios in subsidio locaverunt*), portanto formando um corpo de reserva.

Pela colocação destes contingentes vê-se ainda uma vez a importância que se atribuía a estes animais nos exércitos orientais. Esta batalha foi travada em outubro de 190 a.C. (cf. T. Lívio 37,39,2: *instare hiemem*) (24).

### 3.4 As torres de madeira 1 Mac 6,37

O autor sagrado continua assim a descrição dos elefantes usados na batalha de Bet-Zacaria: "Cada elefante carregava no dorso uma torre de madeira, sólida e abrigada (ou: dando abrigo), a qual estava amarrada sobre eles com mecanismo apropriado". É uma descrição muito concreta e pormenorizada e, quanto posso ver, uma das mais completas nas repetidas referências que encontramos nos autores profanos. Abel informa que estas torres estavam revestidas por um couro compacto e guarnecidas por escudos de metal. Vejamos agora algumas referências nos ditos autores.

Menciona estas torres **Arriano** na sua obra intitulada *Tactica* 2,4; seria portanto uma referência técnica. Elas também são mencionadas nos historiadores.

---

24) Pode-se ver uma gravura que ilustra as linhas de batalha na citada obra de Catrou e Rouillé, Tome 11º, Paris 1727, ao lado da p. 60.

**Políbio** (ca.200-120 a.C.) as menciona na descrição da batalha de Rafia em 217 a.C.: os soldados que estavam sobre os elefantes de Ptolemeu, **do alto das torres**, lutavam valentemente, manejando na luta corpo a corpo as sarissas macedônias (5,84), lanças de 5-7 metros de comprimento. Políbio volta a falar destas torres no fragmento nº 22 ou 162b, citado no Thesaurus Graecae Linguae de Stephanus 4,474/75.

**Diodoro da Sicília** conta que o rei Estabróbates da Índia, preparando a defesa contra a rainha Semíramis, mandou também capturar e aparelhar elefantes com **torres nas costas** (2,17,8).

**Filóstrato** refere na Vida de Apolônio 2,12 que, encontrando junto ao rio Indo uma manada de elefantes, a gente disse a Apolônio e seu companheiro Damis que eles são utilizados para a guerra e por isso **carregam torres** em que podem caber de 10 a 15 indianos, e destas torres estes homens lançam flechas e dardos como do alto das muralhas duma cidade. Ainda voltaremos a este texto (25).

Se estas torres ofereciam proteção e uma posição vantajosa para os combatentes, elas também podiam atrapalhar. Foi o que experimentou o rei Pirro no fim de 272 a.C., quando por um ataque de surpresa quis tomar, altas horas da noite, a cidade de Argos no Peloponeso: como a porta oriental da cidade era muito baixa, primeiro tiveram de desmontar as torres dos elefantes, para eles poderem passar, devendo depois reajustá-las. Esta perda de tempo foi um dos fatores que fez fracassar aquele golpe de mão, no qual Pirro perdeu a vida (Plutarco, Pirro 32).

**Tito Lívio** menciona as torres dos elefantes na batalha de Magnésia (37,40,4: tergo impositae turres). **Josefo Flávio**, no seu relato da batalha de Bet-Zacaria, também se refere "às torres elevadas" dos elefantes (Ant 12,371). Ainda se podem citar: Juvenal, em Sátiras 12,110, Eliano, Nat Anim. 13,9, Plínio, Nat Hist 8,9,27. Por causa destas torres que levavam, os elefantes muitas vezes são chamados **pyrgothêntes**, **pyrgophóroi**, respectivamente **turriti** e **turrigeri** (Bell Afric. 30,2 e 41, Silius Ital. 9,239, Filipe Epigr., Plínio, Nat Hist 2,1 (4) 8,7.7 (22) 10,1,4, Plutarco, Moralia 307b, Heliodoro 9,16, Lucrécio 5,1302).

São conhecidas algumas **representações de elefantes com torres**: No Museu do Louvre existe uma terracota, proveniente da necrópole de Myrina (Ásia Menor), a qual representa um elefante indiano com pequena torre e o cornaca ao lado, enquanto esmaga com a tromba um gálata; uma reprodução se pode ver no Dictionnai-

25) Aproveito a ocasião para agradecer à snra. Vera Maria Fürstenau, bibliotecária da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, pela prontidão e solicitude em me fornecer um xerox destes cc. de Filóstrato.

re de la Bible I, 999, e melhor em Encyclopédie Photographique de l'Art. Tome II Le Musée du Louvre, Paris 1936, 234 B. Outra representação se pode ver numa pedra gravada: dois elefantes um ao lado do outro trazem cada um uma torre bastante alta, amarrada aos animais com uma correia; uma reprodução se pode ver em Dictionnaire de la Bible V, 2293. Wellmann afirma que tais representações também se encontram em moedas (26).

### Os termos empregados

1 Mac 6,37 usa o termo *pýrgos* = "torre", usado também por Arriano, Tact. 2,4. Em 2 Mac 13,15 ocorre com o mesmo sentido *oikia* = "casa" ou "gaiola", termo que não encontro nesta acepção nos autores profanos. Eles usam, sim, *oikidion* = "casinha", p. ex. no acima citado fragmento 162b de Políbio, onde também ocorre o sinônimo bastante freqüente *thorákion*, p. ex. em Eliano, Nat Anim. 13,9, e Diodoro da Sicília 2,17,8, passagem citada há pouco.

### Sobrevivência

Os elefantes há muitos séculos não são mais empregados nas batalhas; os ingleses os usavam nas paradas militares na Índia. Mas Abel nota que a torre do elefante ficou no jogo de xadrez, e os orientais até hoje chamam esta figura de "alfil", isto é "o elefante" (27). E não só os orientais usam este termo: em português existe o termo antiquado *alfil* ou *alfir* que no jogo de xadrez designava o elefante, figura hoje representada pelo bispo; em espanhol, até hoje, *alfil* é o nome do bispo no xadrez. A enciclopédia Espasa 3,830/31, reproduz três figuras de torre oriental no xadrez, guardadas na Biblioteca Nacional de Paris: elas representam um elefante montado por dois homens respectivamente por um.

### 3.5 Outros apetrechos

Na já citada passagem de T. Lívio a propósito da batalha de Magnésia este historiador informa que não só a massa imponente e a força dos elefantes indianos inspiravam terror, mas também os seus ornatos das testas e as cristas (ou penachos: *frontalia* et *cristae* 37,39,13 37,40,3-4). Plutarco menciona uma vez, além das torres, gualdrapas (ou charéis) vermelhas (Éumenes 14,4). Os livros dos Macabeus não mencionam estes adornos, mas a propósito da façanha de Eleazar na batalha de Bet-Zacaria 1 Mac 6,43 conta que o mais possante dos elefantes estava revestido por uma couraça real ou muito rica. Josefo Flávio diz que este elefante estava ajaezado de couraça dourada (Bell 1,42).

26) Verbete Elefant em P-W 5, 1905, 2248-57. 2257, louvando-se em Imhoof-Blumer, Tier- und Pflanzenbilder auf Münzen und Gemmen, Leipzig 1889, XIX 41.

27) Les Livres des Maccabées, Paris 1949, p. 119 ad v. 37.

### 3.6 O cornaca ou indiano 1 Mac 6,37

É mais um traço tirado da realidade. Cada elefante tinha o cornaca ou guia; ele não estava dentro daquela torre ou gaiola de madeira, mas na frente, sobre o pescoço do animal, guiando-o por meio dum aguilhão ou farpa, chamado *hárpe, drépanon, kypís - stimulus*; Filóstrato Vita Apoll. 2,11 menciona este instrumento.

Na nossa passagem o cornaca é chamado "Indós" = indiano, ou porque os indianos eram conhecidos como hábeis domadores e dirigentes destes animais, vindo daí a se estender o nome a qualquer cornaca, ou porque era mesmo da Índia, o que é bem provável, dada a vizinhança da Síria e Índia. O termo "Indós" na Bíblia grega só ocorre na nossa passagem; encontra-se igualmente nos escritores profanos, p. ex. em Filarco 36J, Políbio 1,40,15; 3,46,7.11; 11,1,12, Hesíquio. O mesmo termo também é usado com o mesmo sentido em latim, p. ex. T. Lívio 38,14,2 (o nome do rio Indo vem de lá ter sido Indus ab elephante deiectus!).

### 3.7 Quantos combatentes havia nas torres?

Venhamos agora ao número dos combatentes do alto das torres, que é questão das mais interessantes para o nosso texto. Vejamos primeiro o próprio texto e seus testemunhos, para em seguida discutir o valor desta informação e procurar uma solução nas informações dos autores antigos e nas discussões dos autores modernos.

#### 3.7.1 O testemunho dos textos

1 Mac, embora escrito originalmente em hebraico, só se conservou em grego e nas versões antigas. Ora todos estes textos nos afirmam que dentro das torres havia 30 respectivamente 32 combatentes.

Mais exatamente: quando se estuda a edição crítica de Kappler (1936), verifica-se o seguinte: o número 30 (*triákonta*) aparece em 10 códices gregos, entre os quais o cód. Sinaítico do século 4º, em quatro códices da Vetus Latina e na versão siríaca. O número 32 (*dýo kai triákonta*) aparece em 17 códices gregos, entre os quais o Alexandrino do séc. 5º e o Vêneto do séc. 8º, em um códice da Vetus Latina e na Vulgata latina.

#### 3.7.2 O valor ou a veracidade destes números

Portanto a tradição manuscrita grega, latina e siríaca afirma que em cada uma destas torres sobre os elefantes havia 30 respectivamente 32 combatentes: podemos dar crédito a este número? Vejamos o que os comentaristas dizem a este respeito.

Cornélio a Lapide (1567-1637) conclui deste número que os elefantes eram da Índia e não da África, pois estes últimos conseguem levar a custo 6 ou 7 homens armados. O mesmo afirma J. Tirinus (1580-1636). Outros tradutores ou comentaristas não se pronunciam.

A. Calmet cita a propósito da força extraordinária do elefante o caso de um que com seus dentes carregou dois canhões de metal fundido, pesando cada um 3.000 libras, pelo espaço de 500 passos (28). Mas Brehm afirma que um elefante pode transportar em terreno plano cerca de uma tonelada (29). Segundo estes dados, a rigor talvez um elefante conseguiria carregar 30 soldados, mas a questão é saber onde caberia todo este pelotão e como combateria neste aperto... O. Zöckler pensa que os 32 homens são produto da lenda hiperbólica e da fantasia do autor posterior aos fatos (30). Logo estes autores citados admitem como genuíno ou original este número 30 ou 32.

Mas os autores mais recentes, ao menos em geral, julgam que este número não foi transmitido corretamente, tendo-se originado por engano na tradução do hebraico para o grego ou então na tradição manuscrita posterior. Quanto às emendas propostas duas sobretudo merecem atenção: as mais das vezes dá-se como número atendível ou três combatentes ou **quatro**; alguns também se abstêm de cifras exatas, preferindo traduzir por "alguns" combatentes. No caso também se devem levar em conta as notícias dos antigos escritores.

### 3.7.3 As emendas propostas

Em base a considerações de crítica textual ou/e de verossimilhança histórica tem-se proposto sobretudo três classes de emenda.

#### 1) Dois a três combatentes

Há pois em primeiro lugar os que propõem ler ou ao menos sugerem como possível a expressão "**dois ou três homens**"; nesta linha se podem citar: Michaelis (1778), Grimm (1853), Glaire-Vigouroux (1902), Fillion (1903), Knabenbauer (1907), Bévenot (1931), Kahana (1931), Corbishley (1953), Arnaldich (1961). Mas não

---

28) Calmet, Dictionnaire Historique... de la Bible. Paris 1846 (edição de Migne), Tome II, 249/50.

Fritzsche afirma que o elefante pode carregar 30 Centner (3.000 quilos), mas acha o número 32 de 1 Mac 6, 37 alto demais (Bibel-Lexikon, Leipzig 1869, 2. Band 95.

29) Brehms Tierleben. 3. Band. 1891, p. 29.

30) Die Apokryphen des Alten Testaments, München 1891, 55 ad 1 Mac 6, 37.

se vê, como dum original hebraico "chelôch chenáim" resulte em grego "trinta" ou "trinta e dois".

## 2) Erro de tradução e três combatentes

Há os que explicam a cifra 30 a partir dum erro de tradução do hebraico para o grego; um dos principais defensores desta opinião é Abel na sua tradução da Bíblia de Jerusalém e no grande comentário (*Études Bibliques* 1949), retomando uma sugestão engenhosa de Fairweather e Black (1897). O texto original hebraico há muito tempo perdido teria tido as consoantes "chlchym" e o tradutor grego tomou isto como sendo "chelôchîm" isto é trinta, quando deveria ter lido "chelâchîm" isto é guerreiros de elite, sem lhes indicar o número. Abel acha uma confirmação no texto de Josefo Flávio que escreve simplesmente: "Os elefantes carregavam torres elevadas e frecheiros" (Ant 12,371). Quanto ao número de combatentes Abel, sem o colocar no seu texto, pensa que eram três à semelhança dos combatentes nos carros de combate, dos quais um segurava as rédeas e os outros dois combatiam; ele chama a atenção para o fato de a Versão dos Setenta traduzir o termo, de resto bastante raro, três vezes por *tristátai*, a saber em Êx 14,7 15,4 (nos carros de faraó) e 2 Rs 10,25 (combatentes de Jeú). O outro argumento a favor de três combatentes nas torres é de ordem histórica: é que Eliano no seu *De Natura Anim.* 13,9 informa que o elefante levava três combatentes, dois nos lados e um atrás. O mesmo número supõe Plínio o Velho, quando conta que nos jogos de circo no triunfo de César (lá por 46 a.C.) 20 elefantes carregavam nas suas torres 60 lutadores: *viginti turriti cum sexagenis propugnatoribus* (Nat Hist 8,7), o que dá uma média de três para cada animal (31).

Isto são bons argumentos e certamente os *sexageni* de Plínio, apesar da forma numeral distributiva, não querem dizer que em cada elefante houvesse 60 homens: é que os bons dicionários latinos, p. ex. de Georges e Forcellini, nos informam que *sexageni* às vezes equivale a *sexaginta* isto é sessenta (32). Acrescentemos ainda que

- 31) Wellmann, no já citado verbete *Elefant* em P-W 5, 1905, 2257, menciona a favor do número três de combatentes também Estrabão 15,109. Ora não consigo ocalizar esta passagem (costuma-se citar Estrabão pelo livro respectivo e página(s) da edição póstuma de Casaubon(us). 1620 (1559-1614). No livro 15, que trata da Índia, cp. 1, nos. 41-43 ou pgs. 704-705, se fala dos elefantes da Índia, da sua captura e domesticação ou adestramento, idade e procriação, e apenas de passagem se acena ao seu uso na guerra, sem indicar o número de combatentes nas torres. Um pouco mais amplamente trata do mesmo tema Arriano. Indica 13-14. Tampouco Isidoro. *Origines* 12,2,15 (PL 82,436) fala de 10 a 15 combatentes nos elefantes, como dá a entender a citação de Wellmann *ibid*.
- 32) Enout traduz assim a frase de Plínio: *et derechef, vingt armés de tours avec chacun soixante combattants*, número que ele naturalmente acha inverossímil, em *Pline l'Ancien, Histoire Naturelle. Livre VIII (Collection des Universités de France)*, Paris 1952, p. 113 e nota 2.

para Abel os 32 combatentes talvez se derivem do número igual de elefantes no v. 30 no fim. Na mesma linha vão Lincoln Ramos na Bíblia Mais Bela, vol. 3 (1965), e a recente tradução de Osty e Trinquet (1973).

O que diremos a isto? Certamente é uma conjetura bastante engenhosa e o uso do termo "châlichim" era possível num autor desta época (2º ou 1º séc. a.C.), como mostra sua ocorrência em Qumrân: Guerra dos Filhos da Luz XI,10. Mas ela não deixa de ser complicada e além disto resulta em certa tautologia ou redundância com a locução "ándres dynámeos" que precede imediatamente: "homens esforçados ou valentes", expressão tipicamente hebraica.

Quanto aos argumentos históricos se pode observar o seguinte: Eliano nas suas histórias e relatos sobre os elefantes depende de Juba, seja diretamente seja através de Alexandre de Mindo (Ásia Menor), cujas obras ele copiou quase literalmente. Ora este Juba (ca. 51 a.C. até 23 ou 24 d.C.) veiculou muita lorota mirabolante sobre elefantes e leões na sua obra intitulada *Libyca* (33).

Quanto à informação de Plínio se pode observar que uma luta no circo para divertimento dos romanos, por cruel e sangrenta que fosse, não é bem a mesma coisa que uma batalha campal numa guerra, e portanto talvez requeresse menos combatentes. Além disto nem Eliano (e tampouco Juba e Alexandre de Mindo) nem Plínio eram historiadores. Mas não quero insistir nestas minúcias.

### 3) Falha na transmissão do texto grego e quatro combatentes

Aqui o chefe de fila é o célebre crítico de texto e perito da Versão dos Setenta Alfred Rahlfs (1865-1935). Para ele a leitura 30 combatentes, em vez de 32, é a mais antiga e acreditada, uma vez que ocorre no códice Sinaítico (4º séc.), na recensão de Luciano e na Vetus Latina. Na realidade 30 homens armados não são mais prováveis que 32, mas estamos em condições de emendar aquele número. Suponhamos que triákonta tenha sido escrito por uma letra numeral (uma letra do alfabeto grego com um tracinho em cima, indicando uma cifra), como é caso freqüente nos manuscritos antigos, então triákonta =  $\Lambda$  (letra lamda maiúscula com tracinho); e se completarmos o lamda maiúsculo com um traço horizontal em baixo, temos  $\Delta$  isto é delta maiúsculo e então teremos "téssares" ou quatro. E esta complementação é tanto mais admissível, quando constatamos que nos manuscritos antigos, como p. ex. no mesmo

---

33) M. Wellmann, verbete Aelianus (nº 11), P-W I, 1894, 487; F. Jacoby, verbete Juba II, P-W 9,1916, 2389.

códice Sinaítico, o traço horizontal inferior do delta é muito fino, de modo que facilmente passa despercebido. Por conseguinte o texto original grego falava de **quatro combatentes**, número este que encontramos também nos elefantes de guerra de Antíoco o Grande, avô do jovem rei Antíoco V, e que é bem óbvio: em cada ângulo da torre está um homem armado, de modo que eles abrangem todo o horizonte.

Portanto no caso temos um erro interno grego, isto é que não resulta de tradução errônea do original hebraico, mas de corrupção nos próprios manuscritos grego e que entrou em toda a tradição textual, seja em forma de trinta, seja na de trinta e dois. E parece que já Josefo Flávio encontrou este erro: é que ele menciona, sim, as torres nos elefantes, mas não dá o número deles, por lhe parecer que o número indicado no livro dos Macabeus era impossível (34).

A mim me parece que isto é uma conjetura brilhante e que se impõe. Rahlf's a inseriu na edição manual da Versão dos Setenta, publicada por ele em 1935, um pouco antes da sua morte (ocorrida a 8 de abril de 1935). Ela foi admitida igualmente por W. Kappler no ano seguinte na edição crítica do 1º livro dos Macabeus de Göttingen.

É verdade, Abel rejeita esta emenda e outros o seguem, mas ela é muito mais óbvia que a de Abel, sendo adotada também, p. ex. por Vaccari, que entendia de crítica de texto, Bückers, Schötz, Penna, Guillaumont, Marín, Larraya (este em Enciclopedia de la Biblia T. 2º, Barcelona 1963, 1969², 1197) e outros.

Nem deve causar demasiada admiração que um erro assim tenha invadido toda a tradição textual, pois temos outros casos parecidos. Em 1 Mac 3,41 os testemunhos do texto trazem duas vezes o termo **paídas** = escravos; ora o contexto que fala do afluxo de traficantes de escravos ao acampamento sírio, exige que na primeira ocorrência se leia **pédas** isto é grilhões, suposto pela versão siríaca contra toda a tradição grega, sustentada pela latina e armênia (35). É também de consenso geral que em toda a tradição grega do Eclo houve troca ou confusão de dois cadernos nos cc.30,25-33,13a e 33,13b-36,16a.

Que na transmissão de números, expressos pelas letras gregas respectivas, houve erros e trocas prova-o também a história do texto original do Novo Testamento. A variante "sere" estádios num códice da Vetus Latina, em vez dos 60 ou 160 dos demais testemunhos, como distância entre Jerusalém e Emaus (Lc 24,13), explica-se facilmente pela confusão de duas letras muito parecidas:

34) A. Rahlf's, Die Kriegselefanten im I. Makkabäerbuch, ZAW 52, 1934, 78-79.

35) A. Vaccari, Bibl 19, 1938, 207, na apreciação da edição crítica de Kappler.

é que sete era expresso pela letra zeta, ao passo que 60 era representado pela letra ksi, letras por sinal muito parecidas no grego e de fácil confusão.

De resto o próprio Pe. Abel admite a possibilidade de erros originados de números expressos por letras: segundo ele o número fantástico de 5 estádios mais dez mil (estádios) como distância entre Jerusalém e Bet-Sur (2 Mac 11,5) parece provir do fato de se terem lido as duas últimas letras da palavra precedente *hosei* como numerais; e = cinco, e i = 10 (36), o que explica as lições da Vetus Latina: V milia stadiorum in X milibus (L), quinque stadiorum in decem milibus (X).

Para voltar ao total de quatro combatentes, ele se impõe, ou digamos é o mais óbvio, não só por razões paleográficas, mas também por sua atestação histórica. T. Lívio dá exatamente este número de combatentes para a batalha de Magnésia (190 a.C.), já lembrada várias vezes: *turribus superstantes praeter rectorem (o cornaca) quaterni armati (37,40,4)*.

Isto é o testemunho dum historiador de profissão que procura ser exato. Embora ele tenha escrito isto mais de 200 anos depois desta batalha, no caso ele segue a Políbio (ca.200-120 a.C.), outro historiador de renome e contemporâneo dos fatos. É verdade que o relato da própria batalha não se conservou na obra de Políbio (temos dele apenas o que antecedeu e seguiu a batalha), mas os especialistas estão de acordo em reconhecer que a descrição muito ampla e viva da batalha em Lívio deriva de Políbio, ao par de tudo o mais que ele refere sobre a história do Oriente nos livros 31-45(37) (37bis).

36) Comentário a 2 Mac 11,5 e RB 32, 1923, 510, 49,1940,233s.

37) Klotz, citando Niese (1863), no verbete T. Livius, P-W 13,1927, 816-852. 841.

37bis) Políbio, natural de Megalópolis na Arcádia, militou na alta política, sendo eleito hiparco ou comandante efetivo da cavalaria da Confederação da Acaia no ano 169 a.C. Escreveu a obra intitulada *Tactica* que foi aproveitada por Arriano e Eliano (já citados no nosso estudo) nos seus manuais de tática. Quando a partir de 167 estava em Roma como refém ou acusado político sob processo, teve entrada na casa de L. Emilio Paulo, vencedor do rei Perseu em Pidna (168), e se tornou educador e amigo vitalício do filho deste Emilio Paulo, Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano Menor (ca. 185-219) a quem acompanhou nas expedições contra Cartago e Numância. Com este Cipião participou da tomada e ruína da cidade de Cartago no ano 146 a.C.

Em Roma Políbio também conheceu ao príncipe Demétrio, sobrinho de Antíoco IV Epífanes e refém em seu lugar a partir de 175 a.C. Em 162 Demétrio, então com 23 anos, auxiliado por Políbio, conseguiu fugir de Roma e apoderar-se do trono sírio com o auxílio do exército em lugar de seu primo Antíoco V Eupator que foi massacrado pelas tropas junto com Lísias (1 Mac 7, 1-4 2 Mac 14,1-2; Políbio 31, 12, 19-23 32,4; Apiano, Syr 46s e Justino 34,3,6-9 (para tudo isto ver o verbete-monografia Plybios, de K. Ziegler, P-W 42, Halbband, 1952, 1440-1578, principalmente 1447, 1473, 1450-52). Demétrio reinou de 162-150. Lembremo-nos ainda que a batalha de Magnésia foi ganha pelo cônsul Lúcio Cornélio Cipião e seu irmão muito mais famoso e competente Públio Cornélio Cipião Africano (já vencedor de Aníbal em Zama). Portanto Plíbio, versado na tática militar e mantendo contatos prolongados com a família aristocrática e influente dos Cipíones e com o príncipe Demétrio, dispunha de informações de primeira mão sobre os acontecimentos do Oriente, podendo por conseguinte informar muito bem a T. Lívio.

4) Menciono apenas de passagem as opiniões de alguns outros comentaristas a respeito do número de combatentes. Zöckler (p. 55) cita a Wernsdorf (1747), para o qual o número normal de combatentes nas torres eram 3 a 4, no máximo 5 soldados. A enciclopédia Esparsa (19,702) fala dum número que oscilaria de 3 a 6. Tirino (1632) e Cornélio a Lapide (1645 obra póstuma) pensam que os elefantes africanos levavam apenas de 6 a 7 homens armados; parece que eles se baseiam em Conrado Gesner, autor da editio princeps das obras de Eliano, publicada em Tigurum (Zürich), 1556. Pelo que vejo, estes autores não citam escritores antigos em abono destes números 5, 6 ou 7.

#### 5) Os 10 a 15 combatentes de Filóstrato

Quando se trata do número de combatentes nas torres dos elefantes, é de citação obrigatória a notícia de **Filóstrato de Lemno** (ca.165 ou 170 - 240) na Vida de Apolônio (séc. 1º d.C.). Quando este filósofo pitagoreu e milagreiro com seu companheiro Damis chega ao rio Indo, encontram uma manada de elefantes que atravessam o rio e então, entre outras coisas, são informados que estes animais são capturados para a guerra e então levam torres que podem conter **10 a 15 indianos**; do alto destas torres os indianos lançam flechas e dardos (Vita Apoll 2,12). Que valor tem esta informação?

Uma vez que temos neste livro e no seguinte relatos de viagem à Índia, tem-se a impressão que o número elevado de 10 a 15 homens nas torres dos elefantes seja uma destas petas que os indígenas pregam aos forasteiros, para encarecer as "vantagens" do próprio país, petas que os viajantes estão dispostos a acreditar piamente. E que esta primeira impressão não engana é provado por todo o contexto do livro 2º e ainda mais pelo do 3º livro.

Já a continuação imediata é um tanto estranha, em todo o caso suscita dúvidas: diz a gente aos dois viajantes curiosos que o elefante se serve da tromba como duma mão para atirar dardos! No fim do c.13 Filóstrato conta que os elefantes são ensinados a traçar letras, dançar ao som de flautas, bater o ritmo e mover-se em cadência. No principio do c.14 se conta que os elefantes maiores carregam os pequenos nos seus dentes, segurando-os com a tromba; mais adiante somos informados que os elefantes feridos pelos caçadores e escapos das mãos deles têm suas feridas pensadas com lágrimas de aloé (2,16). Não me tenho por competente para opinar sobre a veracidade destes pormenores: também Estrabão conta que os elefantes aprendem a jogar pedras a um alvo e usar armas (15,705 ou c. 43), e Arriano afirma que ele mesmo viu

(ou será que copiou literalmente sua fonte?) um elefante tocar cimbais, estando dois deles amarrados às suas pernas dianteiras e outro na tromba... (Indica 14)! Talvez seja possível...

Mas voltemos a Filóstrato: Citando Nearco, comandante naval de Alexandre Magno, e Pitágoras, ele nos quer fazer crer que no rio Acesino, afluente do Indo, se criam cobras com 70 côvados de comprimento (já Plínio tinha referido isto: Nat Hist 6,20) "e os nossos viajantes constataram que era mesmo assim", acrescenta gravemente o nosso autor (2,17)...

Mas no livro 3º nos são apresentadas coisas ainda mais impressionantes: já que as pimenteiras crescem em montes escarpados e lugares inacessíveis para os homens, os macacos que moram nas cavernas do monte, fazem a **colheita da pimenta** e por isso os indianos apreciam muito estes "vindimadores de pimenta" tão úteis (Vita Apoll. 3,1ss): pudera não! (38).

Ainda mais mirabolante e fantástica é a **caça de dragões** que Apolônio e Damis afirmam ter presenciado. É que na Índia há estes monstros em grande número e gigantescos, tanto nos pântanos e campos, como nas montanhas e túmulos, com trinta e mais côvados de comprimento e muito ligeiros, e são dragões de verdade, como aparecem nos livros, com cristas brilhantes de fogo ou vermelhas na cabeça, escamas que brilham como prata, e as pupilas dos olhos de pedra e faiscantes e tudo o mais que um dragão que se preze deve ter de terrificante e pavoroso... É claro que monstros assim não se podem apanhar à unha. Mas os nossos indianos trabalham com a cabeça e a imaginação – e vai aí a mais mirabolante das mirabolâncias –: eles se servem de mantos cor escarlate e com letras douradas tecidas neles, e os estendem diante das covas dos dragões, porque a escrita exerce sobre os olhos deles um encantamento ou fascinação tão forte que eles pegam no sono, e então os indianos astutos lhes cortam as cabeças com machados, aproveitando-lhes os olhos, peles, dentes, pedrinhas que têm dentro da cabeça etc. (Vita Apoll 3,6; cf. 2,17) (39). Lorotas deste tamanho e quilate o nosso autor impinge com toda a displicência aos seus leitores basbaques, e isto como coisa que eles viram...

Igualmente fantástico ou até mais é o que Filóstrato conta, na volta da Índia para o Mar Vermelho, a propósito dum estratagema, para obter certo tipo de pérolas: os indianos mergulham no mar e apresentam um unguento à concha que ao se abrir fica embriagada pelo perfume. Então o pescador (no fundo do mar?) fere com um estilete pontiagudo as partes carnosas da concha e conduz o

38) Resumo em Fócio, Bibliotheca, codex 241: PG 103, 1217-20 (325b).

39) Fócio, op. cit.: PG 103, 1219-22 (326a-326b).

sangue que escorre, em formas onde logo endurece, tornando-se como pérolas naturais, "sangue branco do Mar Vermelho"... (Vita Apoll 3,57). Isto até parece pura e simples invenção e já o poeta bizantino Tzetzes (séc. 12), em *Chiliades* 11,472ss, considera isto como inacreditável (40).

E já muito antes Eusébio de Cesaréia zombava destes relatos absurdos de viagem (Adv Hieroclem, cc.17-18: PG 22,823) e o grande bibliófilo que foi o patriarca Fócio, chama estas estórias de absurdas que não merecem fé (*paralogótata kai apistótata*), qualificando seu autor de *mythographos* ou fabulista, embusteiro (41).

Por conseguinte a notícia sobre os 10 a 15 combatentes nos elefantes de guerra está em muito má companhia e não merece fé; como tantas outras coisas mirabolantes Filóstrato tirou isto de Juba (ca. 50 a.C. até 23 d.C.), se é que não o inventou pura e simplesmente. De fato Filóstrato cita algumas vezes o nome de Juba em abono das suas afirmações (Vita Apoll 2,13: duas vezes no princípio, 2,16), mas para mostrar que ele também entende alguma coisa de zoologia, por vezes discorda dele, como quando refuta longamente a afirmação de Juba que os dentes do elefante são chifres (2,13). De resto um autor moderno diz a propósito deste rei-literato Juba que ele, como tantos outros "naturalistas" antigos, nos deixou na sua obra intitulada "Libyca" as lorotas mais assombrosas sobre elefantes e leões, transcritas piamente por autores como Eliano, Plínio o Velho, Plutarco e Filóstrato (42). Este Juba II é filho de Juba I, mencionado acima a propósito da batalha de Tapso; Flávio Josefo nomeia este Juba II a propósito do casamento escandaloso do etnarca (Herodes) Arquelau (é o de Mt 2, 22!) com Gláfira: esta tinha casado, entre os anos 1 a.C. e 4 d.C.), com este Juba depois da morte do seu primeiro marido (Herodes) Alexandre, mandado executar por seu pai Herodes o Grande em 7 a.C.; quando Juba se separou de Gláfira, Arquelau casou com ela que era viúva do seu meio-irmão (Ant 17,349 = 17,13,4) (43).

Finalmente para voltar à vaca fria ou, no nosso caso, aos nossos elefantes, mesmo que o número de 10 a 15 combatentes correspondesse à realidade, bem longe ainda estaríamos dos 30 ou 32 do nosso texto bíblico.

40) Rommel, P-W 14, 1930, 1691 (verbete Perle); Fócio, Bibliotheca, cod. 241: PG 103, 1227-28 (328a)

41) Fócio, op. cit.: PG 103, 79-80 (10a); 1223-24 (327).

42) Jacoby, Juba II, P-W 9, 1916, 2384-95, 2389.

43) E. Schürer, Geschichte des jüdischen Volkes im Zeitalter Jesu Christi, I. Band 1901<sup>3,4</sup>, 451 e nota 7, principalmente no princípio e no fim, e nota 8; o mesmo se diz na tradução revista inglesa de Vermes e Millar, Edinburgh 1973, 354-355. Abel, Histoire de la Palestine T. I, Paris 1952, 418/19; DB I, 927.

### 3.8 A façanha de Eleazar 1 Mac 6,43-46

Além da descrição bastante ampla e concreta da linha de batalha dos sírios e do pavor que ela causou nos homens de Judas (6,33-40), apenas se relata que os judeus avançaram e massacraram 600 homens do exército do rei, sem mencionar as próprias baixas na batalha pouco feliz para os judeus (6,42b.47). Talvez para compensar a derrota, se conta com bastantes pormenores a façanha heróica de Eleazar, irmão de Judas Macabeu. Ele reparou que um dos elefantes sobressaía aos demais em tamanho e ajazadamente de púrpura. Pensando que nele ia montado o rei, Eleazar se lançou nas fileiras dos inimigos e abriu estrada entre eles, massacrando à direita e esquerda, para chegar ao pé do animal. Meteu-se por debaixo dele e o varou na barriga com a sua lança, de modo que o elefante caiu, esmagando com a sua massa o seu matador.

Não é aqui o caso de examinar o aspecto moral deste suicídio; o que interessa é o fato em si, a possibilidade de abater um animal assim. Também neste ponto as informações de autores não-bíblicos mostram que isto era possível e aconteceu mais de uma vez. Opelt, no *Reallexikon für Antike und Christentum*, cita, além de Eleazar, dois outros casos onde a coragem pessoal dum homem venceu um elefante. É o que aconteceu na batalha de Heracléia onde os romanos se viram defrontados a primeira vez com os elefantes do rei Pirro: **Minúcio** o primus hastatus da quarta legião, cortou a tromba dum elefante (44). Exemplo bem mais antigo é o que encontramos na autobiografia bastante fanfarrona do soldado ou oficial **Amen-em-Heb** ou Amen-Haremheb no tempo do faraó Tutmosis III (c. 1490-1436), da dinastia 18. Ao par de tantos outros atos de bravura e valor conta-nos que durante uma caçada de elefantes no "país de Nij" salvou a vida do faraó, cortando a "mão" isto é a tromba do elefante: "Mais uma vez (eu vi) outra façanha coroada de êxito que o Senhor dos Dois Países (o faraó) levou a cabo em Ni (ou Nij). Ele caçou 120 elefantes no lamaçal deles (ou por causa do seu marfim). Então o elefante mais possante que havia no meio deles, começou a lutar diante da face de sua majestade. Fui eu quem cortou a mão dele, quando ainda estava vivo, na presença de sua majestade, enquanto eu estava na água entre duas rochas. Então meu senhor me recompensou com ouro: ... e cinco peças de roupa" (45). O país de Ni ou Nij ficava a SE de Alepo na Síria ou perto de Hamat.

44) Oros. 4,1,10 (tirado do livro 13 de T. Lívio -,hoje perdido); Florus 1,18,9; Vegécio, *Epit. de re militari* 3,24.

45) Texto em *Ancient Near Eastern Texts* de Pritchard 1950, p. 241; *Allorientalische Texte de Gressmann*, 1926, 88-90. 89; Breasted, *Ancient Records of Egypt II*, 1927, §§ 574-592. § 588: *Elephant Hunt in Niy*.

De resto os soldados romanos aprenderam aos poucos a se defender destes animais perigosos, lançando-lhes dardos ou cortando-lhes os tendões com a espada (T. Lívio 37,42,5: *aut pilis incessere aut gladio nervos incidere*).

A estes exemplos se pode acrescentar a façanha de outro soldado romano, referida por Plínio: Aníbal tinha obrigado os soldados romanos prisioneiros a lutarem entre si; então mandou ao único sobrevivente enfrentar um elefante, com a promessa de lhe dar liberdade, caso saísse vencedor; o soldado enfrentou sozinho o animal na arena e com grande pena dos cartagineses deu cabo dele (Nat Hist 8,7,18; Valério Máx. 9,2 ext. 2).

O 2º livro dos Macabeus 13,15 conta façanha semelhante à de Eleazar. Judas Macabeu acampou com a sua tropa em Modin e de noite atacou de surpresa a tenda do rei; além de matar 2.000 homens, abateu (?) o mais possante dos elefantes junto com o seu cornaca. Mas nem tudo está claro neste ataque e sobretudo na eliminação do elefante: é que o verbo empregado para indicar isto criticamente está pouco assegurado, tanto assim que o autor da edição crítica de 2 Mac o dá como passagem corrompida. Além disto este verbo *synétheken* não é comum no sentido de "matar, prostrar, fazer tombar". Finalmente a recensão Lucianéia dá o plural, logo não o próprio Judas, mas os seus homens teriam abatido o animal. Por isso muitos admitem a conjectura de Grimm (1853) no sentido de ler em vez deste verbo pouco claro *synétheken* o verbo *synékéntese* = massacrou, chacinou, de *sygkentáo* ou melhor *sygkentéo*, verbo que também ocorre em 12,23.

O episódio poderia também ser uma versão diferente e menos atendível da proeza praticada por Eleazar.

### 3.9 O êxito da batalha para os judeus

O relato da batalha de Bet-Zacaria em 1 Mac 6,28-47 se demorou bastante na descrição dos elefantes e seu aparelhamento, linha de batalha e façanha de Eleazar. Quanto ao êxito da luta somos informados bastante laconicamente: é verdade que os judeus matam 600 homens do exército do rei (6,42b) e Eleazar abate o mais possante dos elefantes, mas o que é isto no confronto com um exército tão bem aparelhado? o narrador tem de confessar pesadamente: "Eles viram a força do reino e o ímpeto das suas tropas, e recuaram diante deles" (6,47). Custa admitir uma derrota, daí o relato muito discreto: quem leu a Guerra das Gálias de César, se lembrará de expedientes parecidos para camuflar as suas derrotas... Josefo Flávio admite a derrota sem reboços em Bell 1,45, e mais discretamente em Ant 12,375 = 12,9,5.

E que fosse de fato uma derrota também se vê pelo que segue: as tropas do rei retomam o assédio de Bet-Sur que se deve render por escassês de víveres, e o rei deixa lá uma guarnição síria. Depois sobe a Jerusalém, pondo cerco em regra ao recinto fortificado do templo (6,48-52). Mas justamente neste momento crítico chegou a notícia que Filipe, regente e tutor nomeado pelo rei Antíoco IV moribundo, tinha voltado para Antioquia com as tropas que tinham operado na Média.

Era uma notícia alarmante para Lísias e uma vez que não só as forças judaicas assediadas, mas também as forças sírias sitiadas sofriam da falta de provisões, devido ao ano sabático em curso, uns e outros estavam cansados de combater e desejavam um acordo. Por isso quando Lísias e o rei ofereceram a paz com a promessa da liberdade religiosa, Judas Macabeu e os seus a aceitaram de boa vontade, embora com isto reconhecendo a soberania da Síria; por enquanto certamente se contentaram com o essencial, o livre acesso ao templo e a prática do culto (1 Mac 6,52-62; 2 Mac 11,13-33 13,23). Isto se deu no fim do ano 163 ou 162 a.C. Assim a prolongada guerra de religião tinha chegado ao fim.

Por conseguinte em vista das dificuldades de abastecimento e da situação ameaçadora em Antioquia, Lísias e o rei não puderam valorizar a vitória obtida em Bet-Zacaria e por isso se compreende, ao menos até certo ponto, que o autor de 2 Mac fale no caso em vitória dos judeus naquela batalha; afinal se podia dizer com Schedl que os macabeus perderam, é verdade, a última batalha, mas ganharam a guerra santa (46).

### 3.10 Um epílogo infeliz para Lísias e Antíoco

Eles se retiraram de Jerusalém com as tropas e voltaram para Antioquia; encontraram a capital nas mãos de Filipe, mas conseguiram vencê-lo e apoderar-se da cidade (1 Mac 6,63).

Quanto à sorte de Filipe há duas versões. 2 Mac 9,29b conta que ele fugiu para o Egito para junto de Ptolemeu Filometor, o que o Pe. Abel acha muito provável. Segundo Flávio Josefo Filipe foi feito prisioneiro e executado (Ant 12,386 = 12,9,7), o que Abel considera como hipótese gratuita, mas que outros consideram como a versão preferível. (47). Isto se deu pelo fim do ano 163 (ou 162) a.C.

46) Kl. Schedl, Geschichte des Alten Testaments. Band V, Tyrolia 1964, 331.

47) Abel, comentário da passagem citada, e Histoire de la Palestine. T. I, 1952, 156 e nota 1. Ele ainda informa que Niese e Bevan seguem 2 Mac, ao passo que Bouché-Leclercq dão fé a Josefo Flávio; também dá fé a Flávio o mais recente comentarista de 2 Mac Chr. Habicht (série Jüdische Schriften aus hellenistisch-römischer Zeit, Bd. 1, Lief. 3), 1976, p. 248-249.

Foi neste tempo que apareceu em Antioquia uma comissão do senado romano e mostrou ao rei os parágrafos do tratado de Apaméia (188 a.C.): os romanos mandaram cortar os tendões dos elefantes e queimar os navios cobertos que o rei mantinha contra aquele tratado (Políbio 31,12,11; Apiano, Syr 46; Zonaras 9,25,5; Cícero, 9ª Filípica 2).

Ainda no mesmo ano **Demétrio**, primo de Antíoco V, tendo conseguido fugir de Roma, desembarcou em Trípolis e foi acolhido pelo povo e pelas tropas; Antíoco e Lisias lhe foram entregues e postos à morte por ordem dele. Antíoco tinha então uns 14 anos, tendo reinado dois anos. Assim Demétrio se tornou rei da Síria (48).

Quando um ou dois anos mais tarde Demétrio manda para a Judéia a Nicanor, ele nos é apresentado como **antigo** comandante dos elefantes (elephantárches: 2 Mac 14,12). Como se vê, este pormenor quadra perfeitamente na situação histórica, alguns anos depois que os romanos mandaram sacrificar os elefantes; esta força não existia mais e por isso nada se diz dum comando ou uso efetivo de elefantes nesta missão.

Fala-se ainda uma vez de elefantes de guerra uns 20 anos depois da batalha de Bet-Zacaria. 1 Mac 11,56 informa que Trifão se apoderou dos elefantes e conquistou a cidade de Antioquia. Trata-se dos elefantes do rei Demétrio II Nicator (1º reinado: 145-139 ou 138) que por sua vez se tinha apoderado deles depois da morte do seu sogro Ptolemeu VI Filometor (181-145) do Egito (49).

## Conclusão

Vemos portanto que o relato da batalha de Bet-Zacaria, embora vise como o resto do livro mostrar o auxílio de Deus prestado ao povo eleito numa fase particularmente difícil da sua existência, reflete no conjunto e nos pormenores a situação histórica concreta e real; ela se enquadra nos dados que desta época nos deixaram os escritores antigos extra-bíblicos. É o que também vemos tantas vezes em outras passagens e sobretudo nas páginas dos Evangelhos: Deus atua na história concreta dos homens.

(No próximo número daremos uma suplementação a esta matéria).

06/09/1976.

---

48) 1 Mac 7,1-4 2 Mac 14,1-2; Políbio 31,12,19-23; Apiano, Syr. 46s; Justino 34,3,4-9; Josefo Flávio, Ant 12,389-390 = 12,10,1 (reinou dois anos); T. Lívio perióca 46; Eusebio Crôn. I, 253. E. Schürer, Geschichte des jüdischen Volkes... I, 170-71; Abel, Histoire de la Palestine T. I, 156-157.

49) F.-M. Abel, Les livres des Maccabées... ad 1 Mac 11,56 (p. 180-81). Josefo Flávio, Ant 13,120 = 13,4,9; Abel, Histoire... p. 180/81 (Demétrio se apodera dos elefantes de Ptolemeu), p. 185 (Entou se apodera dos elefantes de Demétrio); Josefo Flávio, Ant 13,144 = 13,5,3 no fim;